



Um Protótipo do Paraíso à Brasileira: o Solo Sagrado de Guarapiranga em comparação com os Solos Sagrados no Japão

*A prototype of the Paradise a la Brazil: a comparison
between the holy Ground in Guarapiranga and the
Holy Grounds in Japan*

Carlos Roberto Sendas Ribeiro*

Resumo: Este artigo aborda o chamado "Solo Sagrado" de Guarapiranga, construído na cidade de São Paulo pela Igreja Messiânica Mundial do Brasil, buscando encontrar convergências e divergências com os Solos Sagrados originais que o inspiraram, construídos pela igreja-mãe, a Igreja Messiânica Mundial, no Japão. Consciente dos vários aspectos diferenciados não só na questão geográfica e cultural entre o Japão e o Brasil, mas também nas características específicas da Igreja Messiânica de cada país, o artigo concentra-se nas adaptações do modelo japonês do solo sagrado aos ambientes natural, social e cultural do Brasil.

Palavras-chave: Igreja Messiânica Mundial; Solo Sagrado; Paraíso Terrestre; transplantação de religiosa

Abstract: Referring to the so called Guarapiranga *Sacred Grounds* constructed by the Church of World Messianity of Brazil in the city of São Paulo, this essay is interested in convergences and divergences between the Brazilian *Sacred Grounds* and the Churches original *Sacred Grounds* in Japan. Aware of a series of geographical and cultural aspects that differentiate Brazil from Japan as well as of the particularities responsible for specificities of the national manifestations of the Church of World Messianity, the article focusses on the adaptations of the Japanese model of the sacred ground to Brazils natural, social and cultural conditions.

Keywords: Church of World Messianity; Sacred Grounds; Paradise on Earth; Transplantation of Religions

* Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP e professor da Faculdade Messiânica.

Reflexões preliminares

O presente artigo é sobre a transplantação para o Brasil dos protótipos do paraíso originais da Igreja Messiânica Mundial, construídos no Japão, mais precisamente para o protótipo do paraíso brasileiro chamado de Solo Sagrado de Guarapiranga (SSG), inaugurado em 1995 na cidade de São Paulo. O processo de transferência de uma religião estrangeira para um novo sistema sociocultural tem surgido frequentemente na literatura e tem sido chamado pelos pesquisadores das Ciências da Religião de transplantação religiosa.

Dentre as teorias feitas para estudar esse fenômeno, tivemos acesso à que foi publicada por Michael Pye, em um artigo de 1969, no qual lançou seu modelo da Teoria da Transplantação Religiosa.¹ Este modelo foi mais tarde aperfeiçoado por Martin Baumann, que o utilizou em um artigo de 1994 para discutir a transplantação do Budismo para a Alemanha.² Esta última versão é que será utilizada como base teórica do presente trabalho.

As teorias que estudam o fenômeno da transplantação religiosa trabalham com a questão da relação entre o conteúdo gerado numa cultura original e a manutenção deste na cultura anfitriã. Como esse processo envolve certas modificações exigidas pela adaptação à cultura local, a questão é verificar se essas mudanças comprometeram, ou não, a transmissão do conteúdo e a função do produto final transplantado. Porém, a pesquisa do tema escolhido revelou um déficit teórico relevante no estudo do fenômeno de transplantação religiosa. O déficit surge no fato de as teorias de transplantação religiosa discutirem predominantemente o processo de transferência do conteúdo das doutrinas, práticas e formas organizacionais de uma religião estrangeira para uma cultura anfitriã, descurando-se da atenção aos seus espaços arquitetônicos ou geográficos.

Como nosso trabalho discute a transferência de um espaço geográfico de importância religiosa como o Solo Sagrado de Guarapiranga, esperamos inspirar outros pesquisadores a se debruçarem sobre esse tema tão instigante. Acreditamos que o estudo comparativo envolvendo os Solos Sagrados da Igreja Messiânica Mundial, e de sua filha, a Igreja Messiânica Mundial do Brasil, ofereça grande oportunidade para essa pesquisa, já que, além dos aspectos físicos, esses complexos arquitetônicos e paisagísticos apresentam um importante aspecto conceitual que precisa ser transplantado: o fato de ser considerado um protótipo do paraíso, de acordo com a doutrina original do fundador da religião.

¹ Cf. M.PYE. The Transplantation of Religions, In: Numen, pp.234-239.

² Cf. M.BAUMANN. The transplantation of Buddhism to Germany. In: *Method & Theory in the Study of Religion*. pp. 35-61.

A questão conceitual é essencial, pois os Solos Sagrados, como modelos do paraíso, exercem um papel fundamental no trabalho religioso da Igreja Messiânica Mundial. Eles são a expressão física do ideal proposto por ela, que é a construção do Paraíso Terrestre. Seu fundador, Mokiti Okada³ (1882 – 1955), afirma que, por revelação, recebeu de Deus a missão de dar início à construção do Paraíso Terrestre, o Mundo Ideal consubstanciado na trilogia Verdade, Bem e Belo em que a civilização atual se transformará ainda neste século XXI. Um mundo em que a doença, a miséria e o conflito darão lugar à saúde, à prosperidade e à paz. Para tanto, Okada construiu três paraísos em miniatura no Japão, nas cidades de Hakone, Atami e Kyoto, que deveriam ser a inspiração para a construção de protótipos semelhantes nos outros países, até que todo o mundo se tornasse paradisíaco. Isso não significa, porém, transformar o planeta num imenso Jardim do Éden, pois o mundo paradisíaco será formado por uma civilização em que a cultura espiritual caminhará lado a lado com o progresso material. A construção do paraíso, segundo os textos de Mokiti Okada, significa, em primeiro lugar, a construção de seres humanos paradisíacos, pois estes, possuidores das qualificações descritas acima, é que estarão aptos à construção do paraíso em toda a Terra. Portanto, os elementos constitutivos de um protótipo, sejam arquitetônicos ou paisagísticos, tanto em sua forma como em sua função, devem apenas ser os meios de expressar, em seu conjunto, esse conteúdo e inspirar seus visitantes a participarem dessa obra que, por essa razão, os messiânicos consideram mundial.

Assim, consciente dos vários aspectos diferenciados não só na questão geográfica e cultural entre o Japão e o Brasil, mas também nas características específicas da Igreja Messiânica de cada país, surge a pergunta: Houve – e quais foram – adaptações necessárias ao processo de transplantação de um Solo Sagrado do Japão para o Brasil? As diferentes condições geográficas, como o clima (tropical ou temperado), a localização (urbana ou rural), a vegetação e a paisagem, além dos diferentes berços culturais (oriental ou ocidental), religiosos (cristão ou xintoísta/budista) e sociais, com seus respectivos usos e costumes, demandaram quais adaptações no projeto e no funcionamento do protótipo do paraíso brasileiro? E este permite, para quem nele ingresse, a leitura dos pontos principais da doutrina que motivou a sua construção? Em nossas reflexões finais, analisaremos o processo de transplantação dos Solos Sagrados originais do Japão para o Brasil, sintetizados no Solo Sagrado de Guarapiranga, baseados no modelo da Teoria de Transplantação Religiosa de Martin Baumann.

³ Embora autores estrangeiros comumente adotem o sistema Hepburn de grafia no alfabeto românico dos sons do alfabeto japonês - onde Mokiti seria grafado Mokichi - optei, para todas as palavras japonesas aqui citadas, pela mesma grafia adotada pela Igreja Messiânica Mundial do Brasil em suas publicações.

O Paraíso Terrestre e as características dos seus protótipos

Mokiti Okada referiu-se ao futuro Paraíso Terrestre em numerosos trechos de sua vasta bibliografia. Para o fim a que se destina esta pesquisa, iremos reduzir o Paraíso Terrestre aos três aspectos em que suas características principais estão contidas: Mundo da Felicidade, da Arte e da Cultura Cruzada ou Izunome.

O primeiro se refere, ontologicamente, ao ser humano verdadeiramente saudável, próspero e pacífico, condições básicas indispensáveis ao homem feliz. Aqui se aplicam as práticas messiânicas citadas em sua doutrina soteriológica, que visam erradicar o sofrimento da doença, da pobreza e do conflito. Em relação ao pensamento e sentimento humanos, se o sentimento egoísta e a visão materialista foram necessários à construção do progresso material, uma vez este alcançado, aqueles cederão lugar ao sentimento altruísta e à consciência espiritualista, características do ser humano paradisíaco.

O segundo se refere ao que o homem vai realizar e que será caracterizado pela beleza. Será um mundo de perfeita Verdade, Bem e Belo. A Verdade e o Bem são coisas abstratas, mas o Belo se expressa por meio de formas elevando o espírito do ser humano pela sua contemplação. Por isso, também pode ser chamado de Mundo do Belo. Em relação ao homem, se manifesta como a beleza dos sentimentos, o belo espiritual. Naturalmente, as palavras e as atitudes do homem devem ser belas. Da expansão do belo individual nasceria o belo social, isto é, as relações pessoais se tornariam belas, assim como também as casas, as ruas, os meios de transporte e as praças públicas. Em grande escala, como é natural que a limpeza acompanhe o Belo, a política, a educação e as relações econômicas também se tornariam belas e limpas, da mesma forma que as relações diplomáticas entre os países.

O terceiro aspecto se refere ao progresso da civilização, que será material e espiritualmente evoluída. Ao contrário do imaginário popular, que, comumente, compara a vida paradisíaca com um retorno ao “Jardim do Éden”, no qual seus habitantes vivam numa simplória “casa no campo” despojada dos recursos tecnológicos proporcionados pelo avanço da ciência, para Mokiti Okada o Paraíso Terrestre será um mundo de altíssima civilização em que o progresso material, conquistado a duras penas pela humanidade em seus milhares de anos de história, caminhará lado a lado com a evolução do espírito humano. Quanto ao protótipo, como representa a semente do Paraíso Terrestre, ele deve conter suas principais características e inspirar seus visitantes em sua construção. Para tanto, deverá ser um local em que qualquer pessoa, encantada com a atmosfera tão diferente do mundo a que está acostumada, esquece-se de tudo e até pensa estar acima das nuvens. Um local de lazer de nível elevado que contribua para a erradicação da decadência moral e espiritual do ser humano, no qual qualquer pessoa que o visite purificará seu

espírito maculado pelas condições do mundo, e sua alma, completamente árida, será regada na própria fonte. Para tanto, tudo ali deverá ser impregnado de amor e isso só será alcançado se o protótipo for construído com os sinceros donativos de gratidão e amor altruísta e a participação voluntária desinteressada.

Como a apreciação da beleza promove a elevação dos sentimentos humanos, o protótipo do paraíso deve ser a própria expressão da arte do belo. Por isso, para a sua implantação, deve ser escolhido um local particularmente belo, capaz de formar um ambiente artístico ideal que una a beleza natural à beleza criada pelo homem.

Seu paisagismo não necessita seguir modelos consagrados, mas sim ser executado num estilo que expresse o sabor da natureza. Em outros termos, é uma obra de arte que utiliza materiais “in natura” para expressar a melhor Arte Natural, somando a beleza das montanhas, das águas e dos jardins, a fim de fazer aflorar o sentimento do belo latente nos seres humanos e assim elevar seu caráter e eliminar as impurezas de seu espírito. Seus jardins devem possuir as mais diversas variedades de flores, como um enorme e ideal “jardim do Éden”. Um local que, visto de perto ou de longe, parcialmente ou em conjunto, ou de qualquer ângulo, faça sobressair cada uma de suas características e que se torne alvo da admiração de todos os que o visitem. Sobre o estilo arquitetônico das edificações, porém, não encontramos nenhuma indicação.

Os protótipos do paraíso originais

Embora os três Solos Sagrados originais tenham a mesma missão de serem as sementes do paraíso terrestre, eles apresentam função e forma diferentes entre si, pois expressam pontos vitais da cosmovisão da doutrina de Mokiti Okada. De acordo com ela, essa constituição ternária se relaciona simbolicamente com a energia que move tudo o que existe, a qual provém do cruzamento da energia dos elementos Fogo, Água e Terra. Como essas energias, apesar de agirem em conjunto, atuam de forma diferente, não bastaria a construção do protótipo do paraíso em um só local, mas sim em três locais, em que cada qual representasse a ação da energia correspondente às suas características geográficas.

Seria necessário haver um protótipo que simbolizasse a atuação do elemento Fogo; outro, o elemento Água, e o terceiro, o elemento Terra. Por isso, o paraíso de Hakone, que representa o Fogo, foi construído numa área montanhosa e na encosta de um vulcão adormecido; o de Atami, que representa a Água, foi edificado à beira-mar e o de Kyoto, que representa a Terra, implantado numa planície no interior do Japão, entre um bucólico lago e uma colina adjacente. Como o fogo atua na linha de força vertical, Hakone representa a ligação dos homens com os seus antepassados e o seu Criador; como a água se expande na horizontal, Atami

representa a expansão da obra de construção do paraíso para além-mar, e, como a terra é o local onde essas duas tendências se cruzam, Kyoto representa a concretização do paraíso terrestre, representando também, a arte e a cultura do Japão.

O protótipo do paraíso brasileiro, o Solo Sagrado de Guarapiranga

Inaugurado em novembro de 1995, o Solo Sagrado de Guarapiranga (SSG) situa-se numa região periférica ao sul da cidade de São Paulo, conhecida como Parelheiros e distante 40 km do centro, na margem sul de uma das represas que abastece a cidade, a represa de Guarapiranga.⁴ Ele se compõe de duas áreas em lados opostos da Estrada do Jaceguai. A área principal, à direita da via, cujos 327.500 m² foram adquiridos na década de 70, é onde se localiza o Solo Sagrado propriamente dito, no qual se encontram seus principais elementos arquitetônicos e paisagísticos. Com um total de área construída de 14.677,89 m², sua taxa de ocupação é de 3,64%, o que representa um coeficiente de aproveitamento de 0,0448, bem abaixo do tolerado para a região de mananciais da represa.

Suas construções se erguem em meio a jardins de plantas nativas e lagos artificiais, que propiciam apreciar a beleza do próprio lago da represa que parcialmente o envolve. Em seu centro e no ponto mais alto se situa a construção principal, um imponente templo com uma nave a céu aberto para 25 mil pessoas, circundado apenas por colunas de concreto aparente, em que, nas palavras de seu idealizador, Revmo. Tetsuo Watanabe, presidente da entidade: *“As paredes são a própria natureza e o teto é o céu infinito”*, permitindo assim uma interação com o ambiente natural, em qualquer circunstância. Possui também um centro cultural com salas para exposições de arte, auditório e construções de apoio como alojamentos para 180 pessoas, refeitório, salas de aula e de atendimento personalizado, inclusive de saúde. Houve cuidado com a ecologia da região, preservando-se a vegetação da Mata Atlântica e a área de mananciais da represa, com a construção de um emissário de esgoto particular de seis quilômetros até a rede de esgoto mais próxima e recente instalação de coletores de energia solar e eólica.

A área anexa, à esquerda da via, foi adquirida posteriormente em etapas sucessivas e atualmente é composta por 2.200.000 m², grande parte dos quais constitui reserva florestal intocável da Mata Atlântica. Ali estão as construções de apoio ao funcionamento do SSG como os estacionamentos, com capacidade para 500 ônibus e 200 automóveis, o viveiro de flores, as seis residências, o clube para o lazer dos funcionários, a oficina de manutenção dos equipamentos, o galpão

⁴ Estrada do Jaceguai, 6567, Jardim Casa Grande, Parelheiros, São Paulo, SP.

para triagem de resíduos sólidos para reciclagem, o almoxarifado e demais anexos de apoio à manutenção.

Descrição das convergências e divergências entre o protótipo do paraíso do Brasil e os protótipos do paraíso originais do Japão.

A descrição será feita em cinco partes, procurando seguir os passos de sua história: a localização e a paisagem da área escolhida para a implantação do SSG; sua principal construção, o Templo; as demais construções relevantes; os principais elementos paisagísticos e, por fim, seu funcionamento.

Implantação: localização urbana, paisagem e participação voluntária na construção

Em relação à sua implantação, encontramos convergência nestes três aspectos: na paisagem natural com presença da água, na localização em uma periferia urbana e na participação voluntária na construção. A única divergência ficou por conta da grande dimensão da área do SSG. Situado numa área periférica urbana, afastada do burburinho do centro, mas acessível por transporte particular ou público, a localização do SSG está em convergência com a localização dos protótipos japoneses, também situados na periferia dos centros urbanos das cidades de Atami, Hakone e Kyoto, porém de fácil acesso à população. Da mesma forma, a paisagem que se descortina do SSG é convergente àquela que se aprecia nos protótipos originais. Guardadas as devidas proporções, a visão da represa em frente ao SSG mostra marcante convergência com a Baía de Sagami vista do Solo Sagrado de Atami, fato que, inclusive, contribuiu para a aquisição do terreno.

Segundo um dirigente da época, reverendo Katsumi Yamamoto, o terreno foi escolhido, apesar do preço ser alto para as condições da igreja na época, porque a vista do lago da represa com uma ilha bem em frente ao terreno trazia a lembrança do Solo Sagrado de Atami, que também era localizado em frente de uma baía com uma ilha ao longe.⁵ Embora não tão semelhante, a presença de um lago vizinho ao Solo Sagrado de Kyoto também configura uma convergência com as plácidas águas da represa de Guarapiranga. Quanto ao Solo Sagrado de Hakone, os messiânicos que já o visitaram encontram semelhança entre a sua atmosfera montanhosa e a Mata Atlântica, que envolve Guarapiranga. Assim, considerando-se a paisagem do entorno, é inegável a existência de uma convergência entre o SSG e os três Solos Sagrados originais, constatação feita pela própria Líder Espiritual, na visita que fez ao local em setembro 1985. Ao ver chamuscas que, sem causa aparente,

⁵ Relato feito a este pesquisador em entrevista no dia 28/8/2008.

se alastravam na pequena ilha em frente, a Líder disse, apontando para cada local com determinação: “Fogo, água, terra. Isto é um *kata* (modelo) revelado por Deus. Aqui é a terra escolhida por Meishu-Sama para construir o Solo Sagrado”. Quanto à participação voluntária na construção, também encontramos convergência absoluta. Seja no período de construção ou na manutenção atual, é registrada a participação voluntária dos messiânicos nos Solos Sagrados no Japão e no Brasil.

Por fim, considerando-se o tamanho, a divergência é grande: enquanto a área total do Solo Sagrado de Hakone é de 76.000 m², o de Atami é de 176.000 m² e o de Kyoto é de 47.800 m² (MGC 1980), a do Solo Sagrado de Guarapiranga é de 327.500 m² (sem as áreas anexas adquiridas posteriormente), isto é, maior do que os três juntos. Mesmo se levando em consideração as últimas aquisições de áreas vizinhas a Kyoto, de cujos números exatos não dispomos, Guarapiranga permanece insuperável em área, somando-se os dois milhões de metros quadrados adquiridos recentemente.

O Templo

No Templo, encontramos mais divergências do que convergências com os respectivos templos dos Solos Sagrados originais. Isto ocorreu não só em sua concepção e no conceito arquitetônico do conjunto, como nas partes em que ele foi dividido para nosso estudo: o altar, a torre, a nave, a colunata, a escadaria, a concha acústica e os blocos anexos laterais. Talvez a sua maior convergência seja a maneira como foi concebido: a visão surgida em sonho ao seu idealizador, reverendíssimo Tetsuo Watanabe, então presidente da Igreja Messiânica Mundial do Brasil. Para entendermos esse fato, é preciso recordar os acontecimentos da época da realização do projeto. Quando foi estabelecida a equipe de arquitetos que elaboraria o projeto definitivo, chefiada por Sylvio Barros Sawaya, no final de 1988, houve uma reunião entre a equipe e Watanabe. Nesse encontro, Watanabe transmitiu sua visão do templo ideal para o local do Solo Sagrado, que diferia muito do que havia sido projetado até então. Segundo ele, o único local coberto seria o altar, pois a esplanada para os milhares de participantes deveria ser a céu aberto. E o altar conteria três santuários, sendo o central para o Criador do universo, o da direita (do observador) dedicado ao fundador Mokiti Okada e o da esquerda, aos antepassados.

Haveria, também, uma alta e esguia torre acima do santuário central, para captar a energia cósmica e marcar a posição do local do templo na área do parque. Embora esse fosse o seu templo ideal, Watanabe sabia que a ideia de nave ao ar livre dificilmente seria aceita por todos da comissão de construção, já que era possível

na ocasião construí-la coberta, embora para um número menor de participantes.⁶ Como realmente tal concepção não foi aceita, a equipe elaborou o projeto de um templo circular, para 4.000 pessoas sentadas, sendo 2.800 na nave e 1.200 no mezanino, tendo sido mantido, porém, o altar encimado por uma torre, como sugerido anteriormente por Watanabe.

Apesar de ter sido aprovado pela Sede Geral do Japão, em maio de 1989, e sua pedra fundamental ter sido lançada em uma cerimônia realizada em setembro, sua construção não pôde ser iniciada devido ao inesperado plano econômico imposto pelo governo federal em 18 de março de 1990, o qual criava uma nova moeda e impunha limites aos saques bancários pelo período de dezoito meses. Em vista disso, na reunião da Comissão de Construção, de 2 de maio de 1990, o reverendíssimo Watanabe propôs, e foi aprovado por todos, o empenho na implantação do paisagismo, enquanto perdurasse aquela situação econômica. Porém, no dia seguinte, ele a todos surpreendeu, apresentando um esboço do templo que havia feito ao acordar, no Japão, de um sonho na noite de 2 de fevereiro, antes, portanto, da divulgação do plano econômico federal. Explicando sua própria surpresa com o sonho, já que não estava pensando no Brasil devido às importantes reuniões que antecedem o movimentado culto especial do dia 4 de fevereiro, em que mudanças inesperadas costumam ocorrer, ele mostrou a todos o desenho que havia feito ao acordar. Assim ele descreveu:

Em sonho eu estava num templo orando. Havia uma torre bem alta e pilares imponentes em volta ligados na parte superior por um anel. Realmente, senti-me em sintonia com a Natureza, pois o teto era o céu e a beleza natural as paredes. Havia também uma grande escada que conduzia ao interior do templo. Quando acordei, fiz um desenho que agora mostrei para a comissão de construção.

O próprio arquiteto Sawaya, ao analisar o desenho, afirmou com extraordinário desprendimento:

Esse esboço está muito bem feito, lembra as colunatas romanas e, além de simplificar todo o projeto, engloba a ideia inicial gerando pequeno custo e grande benefício. É mais importante você ser o autor de alguma coisa ou ajudar a todo um processo acontecer? Se for um exercício de autoafirmação, o artista, o autor é fundamental, mas se for à procura de sentimentos, explicitação de valores, etc, poder participar do processo é muito mais importante.

⁶ Relato obtido em entrevista a este pesquisador no dia 21/11/2007.

Mais tarde, Watanabe reconheceria que aquela conversa inicial com o grupo de arquitetos, dois anos antes, ocasião em que apresentou a sua ideia de uma nave ao ar livre, é que propiciou a aceitação do desenho, fruto de seu sonho. Embora Mokiti Okada jamais tenha relatado ter visto seus templos em sonho, seus textos deixam bem claro que o plano do paraíso foi traçado pelo Criador e a sua construção, dirigida por Ele, bastando ao ser humano agir de acordo com a Vontade Divina. Sobre sua própria função neste processo, Mokiti Okada se definiu como “o mestre-de-obras local”, a quem cabia receber todos os materiais que iam sendo encaminhados, sejam terrenos, árvores, pedras ou mesmo pessoas, como projetistas, engenheiros e construtores e, também, interpretar a Vontade Divina na sua utilização. Isto significa que o projeto de um Solo Sagrado não é uma invenção humana, mas apenas a projeção, no pensamento do responsável pela construção, de algo que já havia sido concebido numa outra dimensão, não física. E o sonho do reverendíssimo Tetsuo Watanabe converge com essa afirmação, pois ele se viu no interior do templo o qual, no seu sonho, *já estava pronto*.

Como um templo destinado a cultos com apresentações diversas e palestras, ele só pode ser comparado ao Templo Messiânico de Atami, que exerce essa mesma função, já que o templo Komyo de Hakone foi concebido originalmente como um “santuário para a prece individual”. Assim sendo, a divergência está no fato de ser um templo a céu aberto ao contrário do Templo Messiânico de Atami, que é fechado e com assentos. Vejamos por partes.

Começando pelo altar, a presença dos três santuários – para o Criador, o fundador e os antepassados – é a primeira divergência, pois inexistente este conjunto, na forma como se apresenta, nos templos dos solos originais. O que mais se aproxima é o altar do Templo Messiânico de Atami, que possui o santuário para os antepassados à esquerda do santuário central, mas não possui o do fundador à direita. A disposição do altar do SSG mostra uma mescla desse altar do Templo de Atami com o altar das unidades religiosas regulares, tanto no Brasil como no Japão, que possuem a imagem do fundador à direita, e uma *ikebana* à esquerda do centro do altar, no qual o nome de Deus é escrito em um pergaminho. Outra divergência é a independência dos três santuários, cada qual com sua própria entrada. Isso se deveu ao fato de o altar ser aberto ao ambiente natural, sujeito à entrada de pássaros e insetos em seu interior. Em outras palavras, ao contrário dos templos fechados, em que os santuários são “internos”, os três santuários do SSG podem ser considerados “externos”, daí a necessidade de sua vedação.

A cobertura do altar, por sua vez, revela aspectos simbólicos convergentes com as culturas japonesa e brasileira, buscados propositalmente pelo arquiteto Sawaya, responsável pelo seu projeto. Segundo ele, se no desenho das pétalas de concreto, sua curvatura levemente ascendente foi inspirada nos telhados dos

pagodes japoneses, seu formato em cruz foi inspirado, por sua vez, na Cruz de Malta, característica das caravelas portuguesas e, ainda hoje, um símbolo bem utilizado por aqui.⁷

A torre, por si só, já representa uma divergência, já que ela não existe em qualquer templo messiânico até hoje construído, seja num Solo Sagrado ou fora dele. A nave, por ser a céu aberto e sem assentos (à exceção dos poucos bancos rústicos à frente, para participantes especiais), também revela uma divergência com os templos dos Solos Sagrados originais, que são fechados e com assentos.

A colunata configura tanto divergência como convergência, variando de acordo como a maneira com que é considerada. Tida como elemento delimitador do espaço da nave, ela configura uma divergência, já que também inexiste nos templos messiânicos com essa função. Porém, considerando-a como um elemento estético visual que enfatiza a linha vertical, pode configurar convergência com as colunas verticais das fachadas do atual Templo Messiânico de Atami, que, por sua vez, replicam as linhas verticais do projeto original feito por Mokiti Okada.

A escadaria, como um elemento integrante do conjunto do templo, revela convergência com os templos de Hakone (considerando-se o seu projeto original) e o de Atami, apesar de, neste último, ela ser lateral e não frontal, devido à topografia do local. A concha acústica também revela uma divergência com os templos dos Solos originais. Como a música litúrgica, no Japão, é executada por um pequeno grupo de moças que dedilham o *koto* sentadas no próprio piso do altar, uma concha acústica externa é um elemento inédito. E, por fim, a sala de emergências médicas no bloco anexo lateral representa uma divergência, pois esta instalação não existe nos Solos Sagrados originais.

Demais construções relevantes

O Centro Cultural: Como é uma construção destinada às artes, o Centro Cultural encontra convergência com os museus de arte existentes nos Solos Sagrados originais, desconsiderando-se suas dimensões e a ausência de coleções próprias.

Auditório: A existência de auditórios ou locais para palestras dirigidas aos membros é fator convergente nos Solos Sagrados estudados. Sejam no estilo ocidental, com poltronas, ou no estilo oriental, onde as pessoas se sentam no chão atapetado, todos os três Solos originais possuem auditórios e salas afins destinados a palestras ou seminários, integrados aos templos ou aos chamados Centros de Aprimoramento, à exceção de Hakone, que utiliza até hoje o histórico Nikko-Den para esse objetivo. Em Hakone, também é utilizada a nave coberta do Templo Komyo para palestras aos membros japoneses. Em Atami, além das grandes e

⁷ Cf. S.B.SAWAYA. A Sacralização do Espaço e a Arquitetura.

pequenas salas do Templo Messiânico, há o auditório do hotel Zuiun-Kaikan, que aloja os peregrinos. Em Kyoto, é utilizada a própria nave do Centro de Aprimoramento, além de outras salas menores. A única divergência, se é que pode aqui ser chamada como tal, é a construção de um prédio independente, como o auditório principal do SSG.

Alojamento: Nesse item, também há convergência. Em Atami, há alojamentos para peregrinos (Zuin-Kaikan), funcionários (Tozan-Kaku) e seminaristas (Shinjin-Ryo), o mesmo ocorrendo em Kyoto. A exceção fica por conta de Hakone, que não possui este tipo de instalação na área do Solo Sagrado, embora grupos pequenos de peregrinos possam se alojar, em curtas permanências, em certos espaços improvisados. Os grupos maiores alojam-se nos hotéis da região.

Refeitórios e lanchonetes: Tão necessária aos visitantes e funcionários como os alojamentos, a existência de locais para lanches ou refeições é um item convergente nos Solos Sagrados. Em Atami, há um refeitório para funcionários no interior do templo e um restaurante aberto ao público no interior do Museu de Arte. Em Kyoto, o refeitório é no interior do Centro de Aprimoramento e, em Hakone, fica na parte superior da loja de suvenires, próxima à entrada do Solo Sagrado e ao lado da estação do bondinho que liga o centro ao alto da montanha.

Principais elementos paisagísticos

É nos elementos paisagísticos que encontramos a maior convergência. Tendo sido projetados e construídos pelo paisagista japonês Tsutomo Kasai, superposto a um esquema básico do paisagista peruano naturalizado brasileiro, Andrés Tomita, todo o paisagismo do SSG manifesta marcada convergência com os jardins dos Solos Sagrados originais. A atmosfera japonesa pode ser sentida nos jardins de bambus, nos caminhos sinuosos que serpenteiam pelos bosques, na presença da água correndo por riachos e cascatas margeados por blocos de pedra e nos lagos com carpas coloridas. Todos esses elementos são típicos dos jardins dos Solos Sagrados originais, que foram transplantados para o Solo Sagrado de Guarapiranga e integrados na vegetação da Mata Atlântica brasileira. Exemplificaremos apenas com os elementos considerados principais.

Entrada: A entrada margeada por bambus só encontra convergência com a entrada do Heian-Kyo em Kyoto.

O Caminho do Paraíso e os demais caminhos: No Caminho do Paraíso, pode ser encontrada uma ligeira convergência com o caminho que conduz ao Komyo-Shinden de Hakone, o único templo que é alcançado por percurso a pé, embora este seja mais curto e mais simples. Bem mais extenso e mais rico que este em

elementos paisagísticos, com variada vegetação e suaves elevações que finalizam em cascatas e lagos, o Caminho do Paraíso potencializa o significado de ser um *sandô*⁸, sentido que quase não é percebido pelos visitantes estrangeiros em Hakone, cujo significado os guias tampouco explicam, talvez por ser um conhecimento óbvio para os japoneses. Neste e nos demais caminhos que atravessam os jardins, não podemos deixar de mencionar a convergência intencional de seu traçado sinuoso com uma das mais famosas obras colecionadas por Meishu-Sama e que o inspirou ao projetá-los, o Biombo das Ameixeiras Vermelhas e Brancas, de Ogata Korin, Tesouro Nacional do Japão.

Lago das Carpas: Embora haja convergência formal, com a criação da atmosfera típica dos lagos de carpas japoneses, sua localização pode ser considerada uma divergência já que, no Japão, ele fica vizinho (Hakone) ou mesmo nos fundos (Atami) dos respectivos templos e, em Guarapiranga, o Lago das Carpas atrai seus admiradores para uma área de fácil acesso e visibilidade, porém afastada do ambiente respeitoso do templo, na Praça da Rotatória.

Riachos, cascatas e pontes: Nesses elementos a convergência é quase total, a ponto de, no caso de fotos, não se poder identificar se estão no Japão ou no Brasil.

Nomenclatura

Na atribuição de nomes tanto às construções como aos elementos paisagísticos encontramos convergência quanto à busca de termos ligados à natureza ou de conteúdo espiritual ou religioso. Se no Japão existem a Colina das Azaleias, a Escadaria Relâmpago, a Casa de Chá Montanha e Lua e o Palácio de Cristal, entre outros, no Brasil há o Caminho do Paraíso, a Escadaria Arco-Íris, o Alojamento da Colina, a Praça da Felicidade, somente para citar alguns, já que praticamente todos os elementos arquitetônicos e paisagísticos receberam denominação específica com essas mesmas características.

Funcionamento

Segurança: Este item apresenta divergência com os Solos Sagrados originais. Tanto na entrada principal como na área interna, a dimensão dos elementos de segurança que existem no Solo Sagrado brasileiro, é desproporcional aos dos Solos Sagrados japoneses. O pesado portão da entrada principal, em barras de ferro, as guaritas que controlam o ingresso dos visitantes e vigiam as margens da represa

⁸ Sandô (aproximação ao local de oração) é o caminho que existe nos templos budistas e santuários xintoístas que os visitantes devem percorrer para alcançar a principal construção religiosa.

bem como os vigilantes que fazem a ronda interna, certamente não foram transplantados do Japão para cá. São estruturas de segurança só encontradas no Solo Sagrado de Guarapiranga.

Utilização pelos messiânicos e pelos não messiânicos: Nesse item encontramos convergência e divergência. A convergência existe na utilização pela comunidade messiânica, pois tanto no Brasil como no Japão, os messiânicos peregrinam ao Solo Sagrado para participarem de cultos, aprimoramentos e dedicações. A divergência surge na utilização do SSG pela sociedade em geral. Enquanto no Japão, os visitantes são, na grande maioria, membros da Igreja Messiânica, excluindo-se o público que vai apreciar exclusivamente o acervo dos museus de arte de Hakone e Atami, o Solo Sagrado brasileiro tem um movimento crescente de visitantes – fora dos dias de culto, naturalmente – dos mais diferentes segmentos da sociedade, notadamente nos finais de semana.

Interpretação das convergências e das divergências

Na comparação realizada no item anterior, vimos que o Solo Sagrado de Guarapiranga apresenta tanto convergências como divergências com os Solos Sagrados originais do Japão. As convergências nos parecem naturais, já que todos foram construídos baseados numa mesma doutrina e, certamente, não fossem as características que diferem o Brasil do Japão, não haveria motivo para que o SSG apresentasse elementos divergentes dos protótipos japoneses que o inspiraram. Por isso, são as divergências que mais nos interessam. Quais seriam as causas dessas divergências? Seriam exógenas ou endógenas? Geográficas ou culturais? Sociais ou religiosas? E que adaptações foram necessárias? Neste item, iremos buscar as causas mais prováveis das principais divergências, embora comentários sobre as convergências sejam inevitáveis. Para tanto, seguiremos a mesma ordem seguida pelo item anterior.

É certo que não se pode falar de transplantação dos Solos Sagrados originais do Japão para o Brasil, desde o tempo da aquisição do terreno, pois, naquela época, devido ao tamanho da comunidade messiânica brasileira, os dirigentes não pensavam em utilizar a área como um Solo Sagrado, mas sim como uma futura Sede Central destinada aos cultos e à administração da Igreja. Porém, percebe-se, sem dificuldade, que os paradigmas formados pelos Solos Sagrados originais, conhecidos por todos os dirigentes, contribuíram para a escolha do terreno. Afinal, seja um Solo Sagrado, uma Sede Central ou Regional, uma pequena filial ou até mesmo a própria residência, a busca de edificar um *protótipo do paraíso* faz parte da visão com que os messiânicos encaram sua missão no mundo. E a principal

característica de um protótipo do paraíso é a sua beleza, por ser a parte visível da trilogia do mundo ideal, segundo Mokiti Okada, que é Verdade, Bem e Belo. Com certeza, este foi o diferencial dos outros terrenos vistos até então: a bela paisagem oferecida pelo lago da represa de Guarapiranga. Já vimos que a localização à beira do lago da represa de Guarapiranga foi o grande fator que motivou a escolha deste local, na época de sua aquisição, para a construção da futura sede da Igreja Messiânica no Brasil.

Cabe ressaltar a força do paradigma que envolve a presença da água. Sendo São Paulo uma cidade não situada à beira mar, a direção da igreja decidiu-se pela área às margens da represa, *mesmo sendo esta distante perto de 40 km do local da antiga sede, e de difícil acesso aos membros da igreja, sem falar no seu alto preço.*

A convergência entre a participação de voluntários no Brasil com a que ocorreu no Japão demonstra que essa parte do conteúdo original foi realmente transplantada ao Brasil, já que a impregnação do amor altruísta, que se expressa no trabalho voluntário, representa um importante papel na criação da atmosfera espiritual de um protótipo do paraíso, segundo Mokiti Okada. Comentando a respeito da construção do Solo Sagrado de Hakone, ele disse que “tanto as pedras como as árvores e as plantas foram selecionadas e combinadas cuidadosamente, colocando-se amor em cada uma delas”.

Assim, em um longo processo que durou aproximadamente vinte anos, desde o primeiro grupo que chegou em dezembro de 1974 até a inauguração do templo em novembro de 1995 (embora prossiga até os dias de hoje em menor intensidade, apenas na manutenção), a participação efetiva dos voluntários na construção reproduz prática semelhante à que ocorreu no Japão. Aliás, não só nesses dois países, mas em todos os outros onde existe uma comunidade messiânica, já que o ingresso nesta fé significa a manifestação expressa do desejo de participar ativamente da construção do *paraíso terrestre*, o que implica não só na ministração do Johrei, mas em todo o servir necessário, inclusive no esforço das doações monetárias.

Quanto às divergências, a que mais impressiona está contida no templo. A proposta de construir um templo a céu aberto, em que sobre o altar se eleva uma torre e cuja nave, praticamente sem assentos, é cercada por uma colunata de concreto aparente, não encontra similitude com nenhum outro templo dos Solos Sagrados originais. Acreditamos que duas condições motivaram essa proposta: a primeira foi a necessidade de construir um templo que atendesse ao crescente número de membros do Brasil; a segunda, o fato de o clima do local permitir que as pessoas participassem, ao longo do ano, de cultos mensais ao ar livre.

A primeira condição surge bem nítida ao acompanhar-se a evolução histórica do SSG. Se a consagração do terreno, realizada em meados de 1979, reuniu 42.000 pessoas e o encontro com a Líder Espiritual, em setembro de 1985, trouxe mais

de 50.000 pessoas de todo o país ao local, estava claro que construir um templo para 3.500 participantes, como o de Atami – o maior do Japão – seria insuficiente. Por esse motivo, o idealizador do SSG, o Reverendo Tetsuo Watanabe, em uma de suas primeiras reuniões com o arquiteto Sawaya, transmitiu-lhe sua intenção de construir um templo ao ar livre para milhares de pessoas, onde a única área coberta seria o altar encimado por uma alta torre. Diga-se de passagem, que, em razão dessa intenção não ter recebido apoio na época, o primeiro projeto do templo previa 4 mil pessoas sentadas, o que hoje seria inteiramente insuficiente.

Quanto à segunda condição, a proposta de um templo ao ar livre não parece estranha em um país tropical. É difícil imaginar tal templo para cerimônias regulares mensais em um país sujeito a um inverno rigoroso. Assim, a adaptação geográfica combinou com a adaptação às características peculiares da Igreja no Brasil, trazendo uma inovação importante, impensável no país onde a religião nasceu: um templo para cultos regulares a céu aberto. É certo que o Templo Komyo, erigido em Hakone dez anos antes do início da construção do templo brasileiro, era um grande santuário coberto frente a uma nave sem cobertura. Todavia, sua destinação não era realizar cultos regulares mensais para a comunidade messiânica japonesa, mas apenas em ocasiões anuais especiais, pois fora definido pela Líder Espiritual para ser um local para a prece individual. A prova de que este santuário não seria adequado às cerimônias regulares mensais está no fato de ele ter recebido uma cobertura provisória para esse fim, quando passou a ser utilizado por uma filial da Igreja-Mãe, que o adotou como sede.

A torre, por sua vez, apesar de poder ser associada simbolicamente a elementos religiosos tradicionais do Japão como o Amatsu Kanagui⁹, não possui correspondência alguma no mundo messiânico nipônico, já que nenhum de seus templos até então possuía algo semelhante a uma torre. E o relato de seu idealizador deixa claro que, para ele, sua concepção não se refere a nenhum aspecto simbólico, mas sim a duas funções determinadas, sendo uma espiritual e a outra, material: a primeira relaciona-se com a captação da energia cósmica para o ambiente do Protótipo do Paraíso (daí a sua extremidade em ponta) e a segunda, com o fato da torre propiciar a localização do templo, pois pode ser vista de qualquer ponto do SSG.

A divergência expressa pela concha acústica representa mais do que um elemento arquitetônico inédito. Significa uma participação voluntária organizada e comum a boa parte das unidades religiosas messiânicas brasileiras que não é encontrada no Japão. A atividade dos coros messiânicos possui até uma coordenação nacional, realizada pelo setor musical da Fundação Mokiti Okada.

⁹ Peça mística do interior do santuário xintoísta de Ise considerada pelo Kojiki (Histórias lendárias do Velho Japão) como sua verdadeira coluna material e espiritual. Cf. K.MIZUTANI, Amatsugigakukôyô.

Acreditamos que a explicação para essa divergência está na diferente participação da assembleia durante os cultos messiânicos, relacionada aos diferentes berços religiosos das sociedades japonesa e brasileira. Enquanto no Japão, em certo momento da cerimônia, um salmo monotônico é *entoado* por todos, à maneira budista, no Brasil, no mesmo momento litúrgico, o salmo é *cantado*, à maneira dos hinos cristãos. Acrescente-se a isso, o hino de encerramento composto aqui no Brasil no final da década de 60 e cantado por todos desde então, em pé, no final da cerimônia, também no estilo dos hinos das igrejas evangélicas. Devido a essa necessidade de participação de toda a assembleia tanto no salmo como no hino final, o surgimento de um coro que conduzisse harmoniosamente o canto de todos, foi inevitável. Como os coros se disseminaram nacionalmente no período da construção do SSG, a construção de uma concha acústica que abrigasse o coro do templo foi indispensável, embora não estivesse no projeto original.

Consideremos agora a divergência quanto à questão da segurança interna. Embora tanto aqui como lá existam sistemas de vigilância interna e portões na entrada, a proporção do aparato não é igual. Sabemos que, no Japão, os Solos Sagrados possuem um discreto sistema de vigilância por câmeras estrategicamente distribuídas em suas áreas, mas dispensam a existência de pesados portões com fiscalização na entrada e um vigilante no templo por 24 horas, como aqui. Acreditamos que esta divergência se deva tanto às questões físicas – a grande dimensão da área do SSG (maior do que os três Solos originais juntos) e um extenso limite com a represa – como às peculiares condições socioculturais brasileiras. É natural que uma área de mais de 300.000 m² situada na periferia da cidade possua um sistema de vigilância para a manutenção da integridade de seus habitantes e instalações, especialmente quando possui uma orla de quase um quilômetro de comprimento às margens de um lago de fácil acesso. Não pensemos, porém, que o aparato seja necessário pelo risco iminente à vida dos ocupantes do SSG, mas pela razão maior da manutenção da ordem e da harmonia na área, devido a problemas como: o ingresso de banhistas, pela orla da represa, em trajes de banho; casais de namorados que se excedam em carícias, ocultos pelos jardins, ou pichadores ávidos para deixarem a sua marca nas colunas do templo. E isto não é mera suposição, pois os funcionários mais antigos relatam que, logo depois da inauguração, um jovem da região lhes relatou que já havia um prêmio estipulado para aquele que fosse o primeiro a deixar a sua marca no ponto mais alto da torre do templo.

E, por fim, chegamos à maior das divergências: o crescente comparecimento de não membros ao Solo Sagrado de Guarapiranga – fora dos dias de culto messiânico, naturalmente – fato que não ocorre no Japão. Como já vimos, o público que frequenta habitualmente os três Solos Sagrados originais é formado, na sua grande maioria, por membros em peregrinação religiosa, seja do próprio Japão ou

do exterior, desconsiderando-se os não membros que vão exclusivamente visitar os museus de arte, especialmente o Museu de Arte de Atami, que conta com maior público. No Brasil, o cenário é bem diferente. Também nos abstraindo dos dias de culto messiânico, quando a frequência é preponderantemente de membros da Igreja Messiânica, nos demais dias (especialmente nos fins de semana), a presença de não membros tem sido maior do que a dos membros e crescente. Isto bem pode ser visto na tabela abaixo, com os dados da frequência diária de membros e não membros de 1996 a 2007:

Ano	Não-membros	Membros
1996	3.311	57.059
1997	25.937	33.169
1998	48.233	43.884
1999	50.428	41.410
2000	61.002	35.331
2001	80.295	42.838
2002	95.782	49.819
2003	83.783	35.914
2004	91.629	31.153
2005	95.597	31.664
2006	106.867	39.617
2007	110.627	35.038

Enquanto a tendência do número de membros não é de ascendência (no último ano até foi descendente, pois depende do ritmo de formação dos novos membros), o número dos não membros apresenta um crescimento acentuado desde o primeiro ano de inauguração. Mantidas estas tendências, em pouco tempo, o SSG se tornará um patrimônio mais público do que privado, cada vez mais conhecido e frequentado pelo público em geral do que apenas pelos messiânicos. Considerando que o SSG nem mesmo possui um museu de arte como os seus correspondentes japoneses, por que é tão visitado pelos que não fazem parte da comunidade messiânica? E ainda por seguidores de outras tradições religiosas? Nos depoimentos colhidos dos visitantes e registrados nos vídeos mensais e no

boletim informativo “Porta-Voz”, produzidos pela Assessoria de Comunicação da IMMB e distribuídos como informativo à comunidade messiânica, pode-se verificar que a razão difere de acordo com o tipo de visitante, quer dizer, religioso ou não religioso. Os visitantes não religiosos são atraídos pelo fato do SSG ser um modelo de preservação ambiental na sensível área de mananciais da represa de Guarapiranga. Dentre os relatos, destacamos o da professora da escola EMEF, que levou um grupo de 350 alunos em maio e junho de 2009:

O objetivo de nossa excursão foi oferecer aos alunos uma vivência didática e divertida sobre educação ambiental e sua preservação. Além disso, queríamos apresentar esse espaço como uma opção de lazer para a família, já que o Solo Sagrado fica localizado num bairro vizinho ao nosso, e é um ambiente extremamente agradável.¹⁰

E o relato de um dos vinte e cinco funcionários dos Correios que visitaram o SSG como parte de um programa que objetiva a divulgação interna sobre a importância da preservação ambiental para a melhora da qualidade de vida:

Eu, como representante dos Correios, levo grandes exemplos práticos e funcionais que, com certeza, não só aproveitaremos na empresa, como também, divulgaremos para toda a população.¹¹

Realmente, a questão ambiental é vital para uma megalópole como São Paulo, sempre em luta contra os diversos tipos de poluição que a ameaçam. A cidade de aço, vidro e concreto anseia pela presença da natureza, assim como um naufrago anseia por terra firme. Por outro lado, os visitantes religiosos são atraídos pelo parque contemplativo da natureza propício ao louvor do Criador, potencializado pela proposta messiânica de um protótipo do paraíso, o qual é sempre associado pela maioria cristã a edênicos jardins. Acrescente-se a isso um fato que para esse pesquisador tem uma importância capital: o templo demonstra certa “neutralidade” religiosa, já que não mostra característica específica desta ou daquela religião conhecida, seja pela sua própria arquitetura ou pelo seu altar, que não revela o conteúdo interior. Esta qualidade arquitetônica é, para esse pesquisador, o principal fator que, refletindo em todo o espaço do SSG, faz com que religiosos, independentemente da religião que professam, se sintam em comunhão com o seu Deus, como relata uma das integrantes do grupo católico da Igreja São Pedro Apóstolo que visitou o SSG em outubro de 2008:

¹⁰ PORTAVOZ julho/09.

¹¹ IDEM.

Estou maravilhada com tudo o que vi aqui. Hoje, estou em contato direto com o Criador, porque sei que toda essa beleza foi feita pelas mãos d'Ele.¹²

Ou as impressões de uma das integrantes do grupo da Congregação das Irmãs Paulinas que visitou o SSG em novembro de 2008:

Nosso grupo escolheu fazer um passeio aqui, porque queríamos um local silencioso, um lugar para termos contato com a natureza, de muita paz, fraternidade e solidariedade. Encontramos tudo o que buscamos e vimos aqui um ambiente muito acolhedor, com pessoas simpáticas e uma natureza muito exuberante.¹³

Tanto para os não religiosos como para os religiosos, há uma terceira razão comum: o sentimento hospitaleiro, alegre e prestativo dos funcionários do SSG, que não demonstram nenhum ranço de proselitismo religioso explícito. Não deixa também de ser relevante a facilidade de acesso ao SSG, cada vez maior à medida que a cidade cresce. Para esse pesquisador, as razões acima são a receita de sucesso da aceitação pública do SSG revelado pelo gráfico de frequência e que revela um diferencial para com os Solos Sagrados originais. O valor ecoambiental exclusivo do SSG unindo-se à vocação religiosa e à beleza do paisagismo, ambos bens comuns transplantados dos Solos Sagrados do Japão, criaram um atrativo aos visitantes brasileiros que os pioneiros que adquiriram o terreno, na década de 70, jamais poderiam imaginar. Assim, o pensamento de erigir ali apenas uma sede central, voltada às questões administrativas messiânicas, ficou pequeno ante a grandeza das novas circunstâncias.

Conclusão

A interpretação das convergências e das divergências permite-nos afirmar que o processo de transplantação que resultou no Solo Sagrado de Guarapiranga, além de corresponder aos pontos principais da doutrina que motivou sua construção e de facilitar a leitura destes pela comunidade brasileira, acrescentou formas inovadoras aos modelos arquitetônico e paisagístico dos protótipos do paraíso originais e que podem, por sua vez, inspirar os messiânicos de outros países na construção de seus próprios protótipos.

¹² PORTA-VOZ janeiro/2009.

¹³ IDEM.

Referências Bibliográficas

- BAUMANN, Martin. The transplantation of Buddhism to Germany: Processive modes and strategies of adaptation, In: *Method & Theory in the Study of Religion*. vol. 6, n.1 (1994): 35-61.
- MATSUOKA, Hideaki. Landscape as Doctrinal Representation – The Sacred Place of Shuyodan Hoseikai, In: *Japanese Journal of Religious Studies*, 32/2 (2005): 319-340.
- MGC. *Solo Sagrado – a terra natal de nossas almas*, V. Primavera e Verão. Atami: Messianica General Corporation, 1980.
- MIZUTANI, Kiyoshi. Amatsugakukôyô. Tokyo: Hachiman Shoten, 1999.
- PYE, Michael. The Transplantation of Religions, In: *Numen* 16 (1969): 234-239.
- RIBEIRO, Carlos Roberto Sendas. Um Protótipo do Paraíso à Brasileira: Convergências e Divergências entre o Solo Sagrado de Guarapiranga da Igreja Messiânica Mundial do Brasil e os Solos Sagrados Originais da Igreja Messiânica Mundial, no Japão. Dissertação de mestrado. Curso de Ciências da Religião, São Paulo: PUC, 2009.
- SAWAYA, Sylvio Barros. A Sacralização do Espaço e a Arquitetura - O Templo Messiânico de Guarapiranga. Tese de livre-docência, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo USP, 1997.
- SUGIYAMA, Shigetsugu. Shrine Architecture: Himorogi. In: *Encyclopedia of Shinto*, 2005. <http://eos.kokugakuin.ac.jp/modules/xwords/entry.php?entryID=247> (acesso em 6/8/2008).

Recebido: 28/04/2011

Aprovado: 19/06/2011